



O economista Eduardo Senna confiscou o cartão de crédito da filha Cândida, que chegou de Denver, nos EUA

Samba do câmbio no avião

Queda do real arrasa bom humor de turista que chega do exterior

ANA CRISTINA DUARTE

Surpreso e repetindo expressões impublicáveis ao saber das mudanças no câmbio, o industrial Bernardo Ferreira não era propriamente o retrato dos turistas que desembarcavam ontem no aeroporto internacional do Rio de Janeiro. De sacolas mais vazias e prontos para discutir a desvalorização do real — traduzida lá fora, segundo a maioria, por crise —, muitos dos brasileiros que chegavam de Miami ou da Europa não lembravam em nada certos estereótipos de turistas de classe média, endividados até o pescoço no cartão de crédito. E em dólar.

Caso, por exemplo, do casal de médicos José Barbosa e Gilda Assad, que depois de 15 dias em Orlando com os filhos Vinícius, 10 anos, e Gustavo, 8, não se atreveram a gastar mais de US\$ 300 em *cash* no *free-shop*. “Só podemos gastar o que ganhamos e não o que vamos ganhar”, disse Gilda, ao lembrar que o uso do cartão, há tempos, já foi abolido pela família. Com exceção do desolado industrial Bernardo — que, depois de gastar US\$ 500 no cartão em importados no mesmo shopping, perguntava como o Brasil reagiria —, grande parte dos que viajavam se mostrava mais informada sobre as consequências da guinada no câmbio.

A aeroviária Eliane Freitas e o marido Júlio não escondiam o ar de preocupação. Depois de cancelar a compra de uma televisão e um aparelho de som, ao saber da da desvalo-

rização do real em 17,3%, por uma rede de TV americana, o casal afirmou ter voltado mais cedo dos Estados Unidos, pois não tinham dinheiro e não queriam se endividar ainda mais no cartão de crédito. “Nos resta pagar o hotel, que deverá vir com o aumento do IOF já no mês que vem. É preciso fazer as contas, pois nem dólar sobrou para ajudar.”

Ainda sem contabilizar o prejuízo, o economista Eduardo Senna também engrossava o coro dos descontentes. Ao receber a filha, Cândida, de 17 anos, que chegava de Denver depois de um ano de estudos, o economista confiscou imediatamente o cartão de crédito que tinha dado à menina. “Depois dos US\$ 600 gastos no último mês, não dá mais para brincar”, dizia. “Vou pagar 17% a mais do que previa, mas acho que, se ela tivesse ficado mais tempo no exterior, provavelmente teria cancelado o cartão.”